

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São PauloClass.: 04Data: 14 de setembro de 1995Pg.: 38

Parque do Xingu ainda ameaçado

ELIANA LUCENA
Enviada Especial

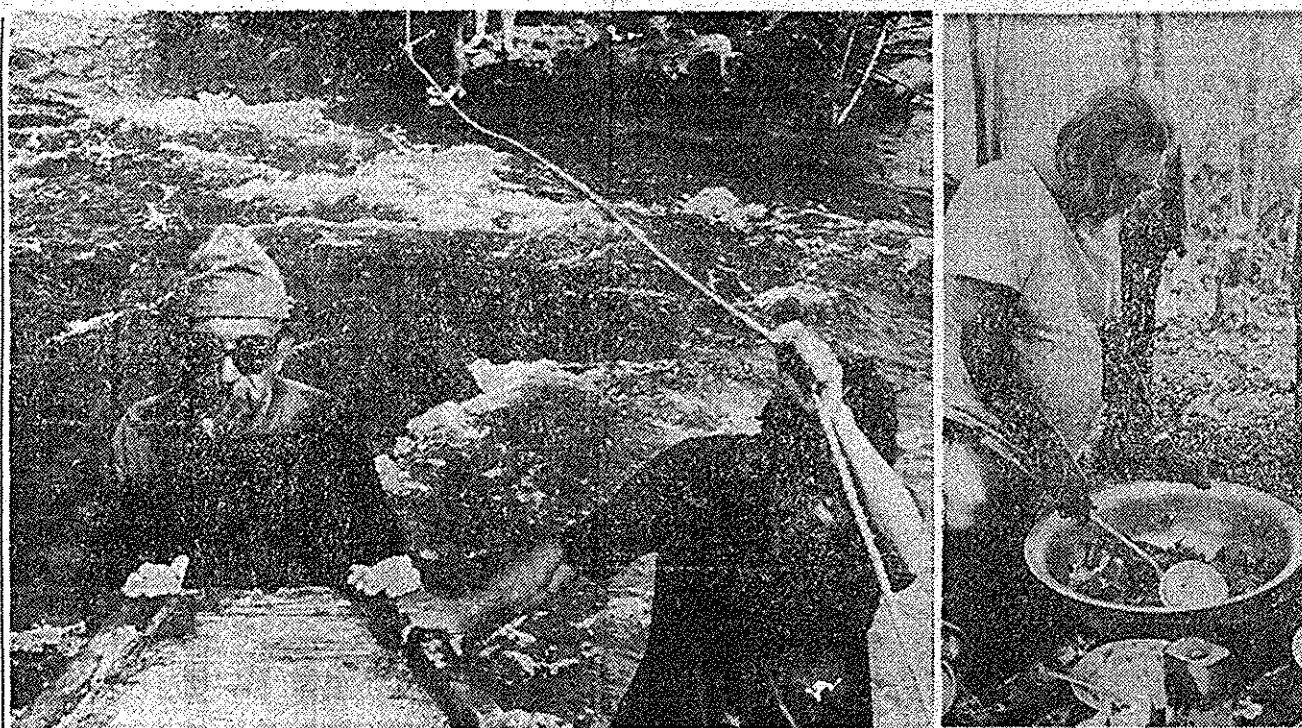
A rodovia BR-80, que cortou o Parque do Xingu ao Norte, deveria chamar-se "Estrada Sebastião Camargo Junior". Não como homenagem ao homem público inexpressivo, mas para marcar o executor da etapa inicial de um novo processo de extermínio das sociedades indígenas brasileiras. Este desabafo foi feito por Orlando Villas Boas, ao término da expedição, promovida pela Funai, para estudar a situação da parte Norte do parque indígena, onde os efeitos negativos da presença das frentes pioneras já podem ser sentidos.

De fato, a expedição chefiada pelos irmãos Villas Boas e o novo diretor do Parque do Xingu, Olimpio Serra, constatou problemas sérios nessa área, que colocam em risco a sobrevivência de comunidades indígenas. O mais grave, sem dúvida, foi a presença de índios krenakarores na rodovia Brasília-Manaus, a BR-80, buscando estabelecer um comércio de troca com os motoristas e posseiros de pequeno núcleo de Piaracu.

A situação chocou profundamente os Villas Boas. Os índios foram transferidos há pouco mais de oito meses do rio Peixoto de Azevedo para o Parque do Xingu, exatamente por causa dos problemas que sofreram em decorrência de contatos indiscriminados com civilizados na rodovia Cuiabá-Santarém, que cortou seu território. No parque, passaram a viver junto aos txucarramães, numa aldeia situada a apenas 20 quilômetros da BR-80.

Mais preocupados em facilitar a adaptação dos sofridos krenakarores no Xingu, o fantasma da estrada não chegou a preocupar, de início, os Villas Boas. Os próprios índios, que em um espaço de três anos viram desaparecer quase dois terços do grupo, vitimados pelo branco, não perambulavam pela área do parque, preferindo a segurança da aldeia.

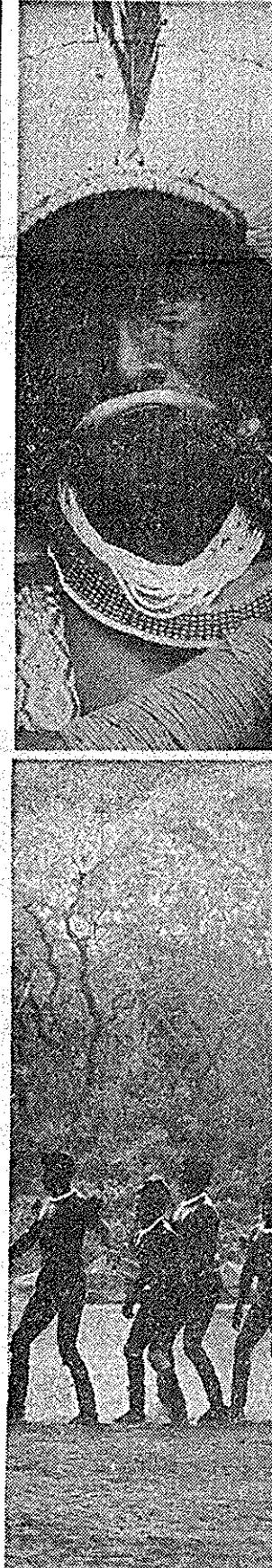
No entanto, o fascínio pela estrada, apesar da tragédia, não foi superado. Essa constatação provocou a decisão dos dirigentes da expedição de transferir, nos próximos dias, os krenakarores novamente para uma outra área. Desta vez, será recomendada à Funai a nomeação de um técnico indigenista para acompanhar o grupo que será instalado numa aldeia distante da estrada. Não se pode dimensionar, ainda, os resultados práticos da medida ou mesmo qual será a reação dos krenakarores quando souberem da nova remoção, mas num ponto todos concordam: a volta dos índios à estrada determinará o desaparecimento total do grupo, agora reduzido a 74 indivíduos.



Fotos de Eliana Lucena

Com a expedição, os Villas Boas constataram que a ameaça das frentes pioneras não foi superada

A volta aos velhos acampamentos



No parque, esperança

A expedição de duas semanas — ou "passo", como preferiu designá-la Claudio Villas Boas, acostumado a longas jornadas no mato — cumpriu, além de suas finalidades básicas, um roteiro sentimental. Essa área foi percorrida pelos Villas Boas pela primeira vez em 1947 e quase todos os locais utilizados para pernoite da expedição eram antigos acampamentos conhecidos pelos sertanistas.

Apesar das malárias e mais de trinta anos de mato, Claudio e Orlando comandaram a difícil descida da Cachoeira Von Martius, onde os barcos foram lançados na corredeira com 800 metros de extensão e guiados pelos índios jurunas apenas com grandes varas — as zingas — que evitam o choque das canoas nas traçoerias pedras, que não chegam a apontar na superfície d'água. Um dos barcos, muito pesado, não pode ser lançado na correnteza. Junto com os índios kaiabi e juruna os dois sertanistas trabalharam durante horas acompanhando o barco em sua descida amarrado por uma corda.

E muito difícil saber se esta foi a última expedição dos Villas Boas, especialmente de Claudio. Orlando parece mais cansado, reclama que "a velhice está chegando", tirando-lhe a resistência necessária para enfrentar os desconfortos da mata, especialmente os terríveis piuns, insetos que infestam a região da Cachoeira Von Martius. Já Claudio, apesar de as investigações feitas pela expedição não terem indicado a presença de grupos indígenas ainda isolados no igarapé Pororó, planeja a futura atração desses índios, acompanhado de seus fiéis companheiros kaiabi. Ao contrário de Orlando, que pretende viver em São Paulo, Claudio confessa que prefere continuar por mais tempo junto aos índios, morando no posto do Diauarum em sua pequena casa de palha e madeira. "Elas foram construídas para ser o galinheiro" — conta — mas ficou tão bem feita que mudou para lá".

Mas independentemente de novos trabalhos na mata, na verdade os Villas Boas estão abandonando aos poucos a direção do parque, numa época em que a política anti-integrationista até agora adotada com êxito por eles terá que sofrer uma profunda revisão, em consequência de uma nova realidade trazida com a abertura das estradas que estão levando o elemento civilizado a todo o vale xinguano. Este foi o assunto mais discutido pelos Villas Boas e o novo diretor do parque, Olimpio Serra. A partir de agora, será desencadeado um amplo programa de

conscientização do índio, des-
preparado para conviver com
as frentes de ocupação.

A garantia da área física do
parque é o ponto básico res-
saltado no relatório da expedi-
ção que será enviado ao presi-
dente da Funai, general Is-
marth de Araújo Oliveira. "Mesmo antes de se trabalhar
o índio — afirma Olimpio — temos que delimitar e demarcar o parque, que já está so-
frendo invasões em algumas
pontos. Os limites propostos
são os seguintes:

1.º — Linha Leste, partindo
do leito da BR-080, até o Suiá-
Missu, pelo menos; 2.º — Linha
partindo do Maritsauá-
Missu, até encontrar o Ronuro;
3.º — Linha Sul, por inter-
no, conforme o estabelecido
em lei.

A proposta dessa delimita-
ção vai contra a decisão anun-
ciada pelo presidente da Funai,
de devolver à União a parte
anexada ao Sul do parque para
compensar a perda da área
Norte cortada pela BR-080 pe-
lo fato de já estar, em parte,
sendo ocupada por empresários.
Os Villas Boas e o novo
diretor do parque acham que
sem essa área ao Sul, os índios
não querem se transferir pa-
ra dentro do parque pois estão
rompidos com o grupo txucar-
ramãe xinguano liderado por
Rauni.

A solução proposta pela ex-
pedição é de criação de uma
reserva especial para o grupo
do Jarina, na área desmembrada
ao Norte. Além disso a
criação do porto indígena Ja-
rina, subordinado ao parque,
chefeado por um auxiliar tecni-
co indigenista. A reserva te-
ria os seguintes limites: tomar
um ponto de partida na pri-
meira queda da Cachoeira von
Martius, à margem esquerda
do Xingu, traçando uma linha
no sentido Leste-Oeste, incidi-
do sobre o paralelo 10° até 40
quilômetros. Desse ponto in-
fletir para o Sul, até 50 km,
daí partir para Leste até en-
contrar a margem esquerda do
rio Xingu.

Depois de garantida a terra,
a política do parque deverá so-
frer alterações. Basicamente,
o trabalho estará voltado para
a conscientização e motivação
do índio, no sentido de fixá-lo
no interior do parque. "É im-
portante" — afirma Orlando —
que o índio possa ser assisti-
do com eficiência pelo órgão
oficial de proteção ao índio,
que tem a função básica as-
sistencial. Por enquanto, por
mais que queiram, por interes-
se, emancipar rapidamente o
índio e planejar sofisticados
projetos econômicos para essas
áreas, ele precisa, por muito
tempo ainda, de apoio e pro-
teção do governo que é o seu
tutor".

A expedição visitou a região
do Xingu compreendida en-
tre o Posto Diauarum e a Ca-
choeira von Martius. Anterior-
mente, a área do parque se
estendia até esta cachoeira. De-
pois foi reduzida por um de-
creto presidencial que trans-

Violência
afastou
os índios

Não foi possível levantar maiores dados sobre a existência de grupos isolados na parte desmembrada do parque, embora Orlando e Claudio Vil-
las Boas tenham indicações da existência de pelo menos dois grupos ainda sem contato com a civilização. A investigação no igarapé Pororó se estendeu por dois dias, a partir das referências constantes dos índios xinguanos e Tapirapé do Ara-
guaria sobre um grupo que habita-
vava a cabeceira desse tri-
butário do Xingu.

Na opinião dos sertanistas, a violência da penetração brasi-
leira na região, cujos sinais fo-
ram os únicos encontrados, po-
de ter compelido esses índios
para outra área ou, ainda, pa-
ra uma perambulação constante,
dentro do espaço territorial
já restrito, como alternativa
de sobrevivência. Apesar da falta de indícios, continuam
sendo observadas colunas de
fumaça e, vez por outra, as
aldeias, da parte setentrional
do parque, registram roubos
em suas roças. As investiga-
ções prosseguirão agora, com
visitas às fazendas que circun-
dam a faixa de terra em que
presumivelmente perambulam.

Na fazenda Agro-peixinho,
onde teriam aparecido índios
estranhos, nada pôde ser le-
vantado, pois as terras foram
vendidas recentemente e os
novos proprietários desconhe-
cem essas informações.